

Mangabeira Unger critica \"dualismo do crédito subsidiado\"

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

O ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos, Roberto Mangabeira Unger, afirmou, em discurso na Fundação Getulio Vargas (FGV), que o ajuste fiscal sendo promovido pelo governo no Brasil é uma "ponte" para um novo modelo de desenvolvimento que se basearia em capacitação educacional e inovação. O acadêmico avalia que o modelo atual se esgotou. Para ele, seria necessário adotar uma nova estratégia, que, entre outras políticas, alterasse o atual "dualismo do mercado de crédito" — Vamos contrastar as seguintes posições. A primeira posição é a forma contemporânea e social do pacto nacional desenvolvimentista. E alguns desses aspectos deste pacto são o seguinte: lá em cima as classes endinheiradas recebem o crédito subsidiado, por exemplo, do BNDES. E são credores da dívida pública e, portanto, beneficiários dos juros altos. E lá embaixo as classes mais pobres recebem um benefício quantitativo muito menor no gasto social. No meio, tanto a classe média tradicional quanto a classe média mestiça e morena não recebem nada a não ser o acesso ao novo mercado de consumo em massa. Essa é a forma contemporânea do pacto nacional desenvolvimentista — afirmou o ministro em sua palestra. Mais tarde, Mangabeira acrescentou que, no Brasil, há "crédito subsidiado para uns 20 grande empresários bem relacionados com o Estado brasileiro e financiadores das campanhas eleitorais, e mais caro para todos os outros". O ministro enfatizou ainda que o ajuste fiscal não é apenas uma agenda, mas uma condição "preliminar e indispensável de uma agenda nacional." Para Mangabeira, há duas narrativas de ajuste fiscal. A primeira seria para recuperar a confiança do mercado, o que atrairia investimento, gerando crescimento econômico. — Isso nunca funcionou em nenhum lugar, haja vista a Europa entregue à estagnação combinada com a austeridade — disse Mangabeira. — Há uma outra narrativa, que o ajuste não é para ganhar a confiança financeira. É o inverso: para não depender da confiança financeira. Para não desorganizar a economia privada e reafirmar o poder estratégico do Estado. É uma ponte entre o modelo antigo e o modelo novo a construir. Nota de redação: Numa primeira versão dessa reportagem, a menção do ministro ao BNDES foi equivocadamente atribuída à sua frase sobre o "crédito subsidiado para uns 20 grandes empresários bem relacionados com o Estado brasileiro". A Secretaria de Assuntos Estratégicos enviou uma nota de esclarecimento ao GLOBO afirmando que o ministro não mencionou o BNDES na palestra.